



## RESENHA

### NOTAS SOBRE O FILME *QUE HORAS ELA VOLTA?*

*Fabiolla Emanuelle Silva Vilar – Graduada em Ciências Sociais/UFAM. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: [fabiollaemanuelle@gmail.com](mailto:fabiollaemanuelle@gmail.com)*

*Venâncio José Michiles Marinho - Graduado em Ciências Sociais/UFAM. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: [venancio\\_SA@hotmail.com](mailto:venancio_SA@hotmail.com)*

---

*Que horas ela volta?* foi lançado em cinemas brasileiros no ano de 2015 e alguns elementos cinematográficos parecem desempenhar a função de confirmar, se não exatamente o ano, o período de ambientação como homônimo ao de seu lançamento. O drama dirigido por Anna Muylaert procura sensibilizar o espectador a partir do confronto constante entre Val (Regina Case) e Jéssica (Camila Márdila). A primeira é uma empregada doméstica, de origem pernambucana, que mora e trabalha há muitos anos na casa de uma família de classe média alta paulistana e tem como principal motivação enviar dinheiro para o sustento de sua filha Jéssica, que ficou no nordeste morando com o pai. Longe da filha e da terra natal, Val despende sua força de trabalho em inúmeros afazeres domésticos requeridos pela lógica da dinâmica familiar na qual está inserida, além de preencher concomitantemente as necessidades afetivas de Fabinho (Michel Joelsas), filho do casal de patrões.

Val representa, no âmbito desse contexto, uma categoria subalternizada historicamente, que tem que abdicar de boa parte da sua vida e de seus interesses por um salário ínfimo que não é capaz de propiciar a dignidade de ter o seu próprio canto no mundo. Só lhe resta o quatinho nos fundos, a nova senzala, como já sinalizou Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos*. É assim que essa personagem – mesmo encarnando o estereótipo da “escrava fiel”, de modo a ser considerada como “quase” da família –

nunca pode atravessar os limites culturalmente impostos na casa e na sociedade. A clara compreensão do seu lugar no mundo está por trás da sua grande abnegação aos patrões, haja vista que mesmo depois de ter abdicado de sua subjetividade e de sua família para cuidar e servir os patrões, ela não se sente segura no emprego, esta sempre numa corda bamba. E isso não apenas por estar na condição de empregada doméstica, mas também por ser nordestina, o que já a relega a uma condição desfavorecida de subclasse em relação aos patrões sulistas.

Toda essa lógica culturalmente instituída que rege as relações de Val e seus empregadores é posta em cheque quando, muitos anos depois, Jéssica decide ir para São Paulo prestar o vestibular para arquitetura e se choca ao descobrir que a mãe trabalhou a vida toda e não tinha nada, nem um lugar para chamar de seu. É assim que mãe e filha acabam por terem que dividir o apertado quatinho de empregada nos fundos da casa e a lógica opressora a qual Val esta submetida passa a ser paulatinamente desvelada por meio das recorrentes ações e questionamentos de Jéssica. No entanto, ao apresentar um posicionamento fora do *script*, a jovem pernambucana passa a ser encarada como problemática e transgressora, de modo que tanto sua mãe como, mais tarde, Bárbara (Karine Teles), a “dona da casa”, a enxergam como uma ameaça ao modo de organização da vida diária e usufruto do espaço doméstico e social a longa data estabelecido.

A postura crítica de Jéssica, de questionar a tolerância da mãe para com a própria situação de sujeição, traz para o centro do debate o tema da *democratização do acesso aos bens econômicos e simbólicos* explorado ao longo da narrativa cinematográfica e marca, por exemplo, o questionamento de privilégios econômicos e sociais cristalizados e próprios de uma pequena parcela da sociedade brasileira. Isso fica nítido nas cenas em que Jéssica, que não se intimida com as diferenças socioeconômicas que atravessam as relações entre ela e os patrões de sua mãe, causa bastante mal-estar e desconforto, sobretudo à Bárbara que fica bastante incomodada ao ver a filha da empregada utilizar-se da piscina para o lazer ou do “sorvete do Fabinho”. É justamente por não se curvar a essa lógica desigual que Jéssica cresce na trama como uma personagem emblemática. Se ela é “quase” da família então não há problema em utilizar a piscina, jantar na mesa dos patrões e usar o quarto de hóspedes para os estudos. Situações tão sutis do cotidiano deixam claro que os acontecimentos que se desdobram no espaço doméstico que compreende o eixo do cenário familiar são reflexos de um quadro social mais abrangente no qual as posições entre estes dois grupos sociais estão bem definidas e



seus limites não podem ser violados sem consequências para aqueles que rompem com a lógica dominante, de modo que o drama entre mãe e filha e a tensão entre estas e os padrões entrecorta o pano de fundo da sociedade brasileira contemporânea, haja vista que o mesmo desconforto e enfado é exemplificado pelo refluxo do movimento que setores políticos e econômicos empreendem em direção às últimas conquistas no sentido da mencionada democratização do acesso aos bens econômicos e simbólicos e da erradicação da pobreza que a lentos passos tem se instaurado em nosso país. Bárbara, bem como os principais atores políticos brasileiros, enxerga “ratos” na piscina enquanto deveria enxergar seres humanos.

Val e sua filha exemplificam o quanto as mudanças na lógica e nas estruturas das relações da sociedade brasileira contemporânea desagradam àqueles setores dominantes. A ruptura de Val é menos marcada que a de sua filha, pois é só gradualmente – principalmente após a aprovação de Jéssica no vestibular –, que certo “desencanto” em relação à sua situação passa a incomodar, levando a doméstica a romper com o antigo arranjo doméstico que imperava antes do reencontro das duas. O fato de Val, ao final do filme, pedir demissão e ir morar junto à sua filha em um “bairro popular” é sinalizador da incongruência e a incompatibilidade entre as velhas práticas culturalmente instituídas e as novas demandas e aspirações emergentes entre os grupos populares. Além disso, a decisão de Val indica em que medida os privilégios de classe estão sendo questionados e redistribuídos entre setores economicamente menos abastados e socialmente estigmatizados, haja vista que – embora tenha eclodido em um pedido de demissão – os conflitos que o comportamento de Jéssica causou proporcionaram a Val um rompimento com as amarras que esse contexto desigual a sujeitou, fazendo com que ela pudesse rever seus próprios valores e paradigmas e por fim tomar as rédeas de sua vida. O que será do futuro ela não sabe, mas aquela nova morada representa a recusa à submissão e as amarras do passado.

É a partir desse plano de fundo que *Que Horas Ela Volta?* retoma temas tão caros às análises acerca da formação social brasileira e demonstra em que medida as desigualdades sociais e econômicas – forjadas no período colonial – permanecem, embora ressignificada pelas novas demandas contemporâneas. Assim sendo, essas desigualdades apresentam-se na narrativa, sobretudo, a partir das menores sutilezas da experiência cotidiana vivida pelos dois grupos familiares imbricados na trama: de Val e seus padrões. A conclusão é de que o filme apresenta, a partir de uma história de vida aparentemente isolada, a estrutura mais ampla da sociedade brasileira em sua dicotomia

*senhor/escravo*. Embora a mais de dois séculos tenhamos nos afastados do período colonial, ainda possuímos um forte enraizamento com as práticas segregatórias desse regime. Em *Que Horas Ela Volta?* isso aparece de forma muito sutil, isto é, nas entrelinhas da narrativa. Não apenas por colocar em choque as trajetórias de vida de duas famílias tão distintas, mas, sobretudo, por sinalizar – a partir da personagem Jéssica e sua inadequação aos códigos historicamente consolidados – o quanto essa estrutura é esquizofrênica, anacrônica e, acima de tudo, complexa, uma vez que até a própria Val encontrava-se engessada nessa lógica.

Em linhas gerais, *Que Horas Ela Volta?* procura retratar em um nível mais micro as relações de poder simbólico envolvendo atores sociais específicos de duas classes sociais e origens distintas, bem como promover a autorreflexão para o questionamento das posturas que adotamos em meio às situações de dominação em que nos encontramos e das quais fazemos parte ativamente. Do mesmo modo, o filme procura mostrar como coragem e determinação podem servir de esteio para a promoção de rupturas a arranjos socialmente estabelecidos.

